

Resistência, valorização e resgate da tradição cultural andina

Wanderson-Ka-Ribas*

Resumo

A essência da tradição cultural na vasta região da Cordilheira dos Andes resistiu por meio de diferentes artifícios, ao longo dos séculos, após a conquista e encontra-se, recentemente, em uma situação de valorização e resgate. Esse processo é ambíguo e dialético uma vez que é explorado até como marketing político ao mesmo tempo em que reafirma a identidade cultural ameríndia e reforça importantes valores universais.

Palavras-chave: América Andina; Resistência Cultural; Tradições Ancestrais Indígenas.

A milenar tradição cultural encontrada na vasta e diversificada área sul-americana conhecida como América Andina, foi forjada por meio da desafiante interação do ser humano com a imponente e instável natureza da região. Posteriormente, e apesar dos séculos de perseguição e de extermínio físico e cultural sofrido pelas populações andinas, essas ousaram resistir, levando ao panorama atual de resgate e de valorização das tradições ancestrais.

A América Andina possui como eixo central, no sentido nort-sul, a mais extensa cadeia de montanhas do planeta, sendo que ao nascente da cordilheira estende-se o manto verde da floresta amazônica e ao poente, um litoral desértico. A Cordilheira dos Andes possui vários picos que se elevam acima dos 6.000 metros de altitude, cujo degelo forma inúmeros lagos e rios que correm para a bacia amazônica ou para o Oceano Pacífico.

Próximo aos 4.000 metros, estende-se o altiplano, terras mais ou menos planas, cujas características principais são o clima frio e seco e os ventos gelados. Nesta inóspita região, chamada de *puna*, somente espécies muito bem adaptadas como o *ichu* (um tipo de capim comum dos Andes), vários tipos de cactos, os camelídeos sul-

* Assessor da Diretoria de Memória e Patrimônio Cultural da Prefeitura Municipal de Contagem (MG) e especialista em História da América Latina pela PUC Minas. É autor de *A Ciência Sagrada dos Incas* e do conteúdo histórico da expedição *Conexão Adventure – O Resgate da Cultura Inca*, de 2006. Contato: kawribas@yahoo.com.br

americanos (lhamas, alpacas, guanacos e vicunhas), e alguns outros animais conseguem sobreviver.

A região é marcada por instabilidade sísmica e climática, possui intrincados micro-climas, frágeis, interligados e complexos ecossistemas. Nesse território “vivo”, pulsante, de inúmeros desafios, a caprichosa natureza impõe-se com toda a sua grandiosidade e força. Ali, o ser humano, assim como as outras espécies animais e vegetais, teve que se adaptar para sobreviver, e, para tanto, buscou interagir com a natureza por meio do respeito, do temor e da reverência. A partir dessas premissas, elaboraram sua cosmovisão e cosmogonia, desenvolveram ciência e tecnologia, filosofia e cultura, culminando em grandiosas civilizações que ainda hoje nos assombram e fascinam.

O elemento natural foi tão determinante no processo de desenvolvimento cultural nos Andes que o filósofo *Josef Estermann*, de origem suíça, mas radicado na Bolívia, utiliza o neologismo *Pachasofia* para definir o que seria uma filosofia andina de origem muito antiga e que mantêm seus princípios em vigência. *Pachasofia* é formado por *Pacha*, do quetchua/aymara, que significa tanto o tempo quanto o espaço, o cosmos, o universo e a Terra, acrescido do termo grego *sophia*, que pressupõe o “saber” integral a respeito da “realidade”. Cunhado por *Fernando Manrique Enríquez* (1987) e utilizado por *Josef Estermann* em sua obra “*Filosofia Andina*” (2006), *Pachasofia* seria um nome para a rede de conhecimentos que expressam a “visão de mundo” ou cosmologia andina.

Essa rede de conhecimentos se baseia em princípios ainda hoje vivos na cultura dos povos da região andina, e seu fundamento básico é a *relacionalidade*, ou seja, tudo está relacionado, interligado, vinculado, conetado a tudo. Este princípio, aliado aos fundamentos “secundários” da *Pachasofia*, ou seja, *correspondência*, *complementaridade* e *reciprocidade*¹, determinaram, na filosofia andina, uma ética essencialmente ecológica, onde as relações dos seres humanos com todas as outras formas de vida e manifestações da natureza devem ser calcadas no respeito e na reciprocidade.

¹ Os princípios de *Correspondência* e *Complementaridade* referem-se à concepção indígena de um universo interligado por polaridades (dia e noite, céu e terra, masculino e feminino) que se cruzam perpendicularmente, a representação gráfica desse esquema seria justamente uma cruz conectando as diferentes dimensões espaciais, temporais e manifestações da realidade. Já o princípio de *Reciprocidade*, pontua as inter-relações de todas as manifestações e seres do universo, incluindo as ações humanas que devem levar em conta esse fundamento como um princípio ético em todas as relações, seja entre os seres humanos e entre estes e as demais manifestações da natureza.

Porém, toda essa organização funcional e interligada do universo sofreu um terrível colapso com a chegada, invasão e conquista dos europeus no século XVI. O império inca, chamado de *Tawantinsuyo* (Quatro Cantos do Mundo), desmoronou diante dos intrépidos e aguerridos espanhóis, junto ruíram milenares crenças, dogmas e valores, uma verdadeira hecatombe para as populações autóctones. Quanto às demais instituições indígenas, foram suprimidas, ou pelo menos assim tentaram os espanhóis...

Não obstante, muito do mundo indígena sobreviveu e resistiu à conquista, colonização e ao processo de extermínio, físico e cultural, durante mais de 500 anos, como denunciou, brilhantemente, o escritor peruano *Manuel Scorza*², que relata a luta das comunidades indígenas contra os poderosos latifundiários e as mineradoras estrangeiras, em plena década de 1960. Dentre os exemplos de resistência, destacam-se as línguas nativas, principalmente o quetchua e o aymara, idiomas falados por milhares de pessoas em países andinos e que atualmente são amplamente difundidos e ensinados em escolas. Existem até mesmo revistas e suplementos de jornais bilíngües (espanhol/aymara e espanhol/quetchua), com grande tiragem em cidades como La Paz.

Sobre o resgate das línguas e sua relação com a resistência cultural, deve ser mencionado o importante trabalho do casal boliviano *Manuel Quispe* e *Mari Mamani Tito*, responsáveis pelo importante *Centro de Integração e Investigação Oral em História Andina – Paka-Illa*, que tem como uma de suas metas, registrar a tradição oral aymara. Outro fabuloso exemplo de resistência consiste em uma instituição social, econômica e política muito anterior aos incas, o *ayllu*. Base social, cultural e da identidade indígena andina, existem, atualmente, centenas de *ayllus* em países como o Peru e a Bolívia. Trata-se de um agrupamento humano, que pode ser considerado como uma comunidade ou tribo, formada muitas vezes por indivíduos aparentados, que guardam uma vinculação com um determinado território, obedecem a uma autoridade ou chefe local, o *kuraka*, e trabalham juntos, em mutirão, em um sistema de reciprocidade e ajuda mútua, na terra e em outras atividades, como na construção das casas dos membros da comunidade. Uma característica dos *ayllus*, ainda presente na atualidade, é que seus membros têm como guardião ancestral e espiritual um elemento

² O ciclo de livros de Manuel Scorza conhecido como *A Guerra silenciosa*, que denuncia a situação de camponeses andinos e que, como o próprio autor define, relatam “uma crônica exasperadamente real”, é integrado pelas novelas: *Redoble por rancas* (1970), *Garambombo, el invisible* (1972), *El jinete insomne* (1976), *Cantar de Agapito Robles* (1976) e *La tumba del relámpago* (1978).

fantástico, de cunho mágico-religioso, representado por uma montanha, lagoa, animal ou outro totem, frequentemente um aspecto ou manifestação da natureza.

Apesar da permanência das línguas nativas e do *ayllu*, a invasão e conquista européia desarticularam quase todas as outras instituições autóctones e impuseram valores e princípios alienígenas ao universo indígena. Assim, para manutenção dos princípios fundamentais da filosofia e cultura andina, foi necessário desenvolver estratégias de resistência como o sincretismo, a mestiçagem e o hermetismo, aliadas à dissimulação e ao silêncio, as quais possibilitaram a permanência da milenar tradição andina, em sua essência, e por meio de suas diversas manifestações.

Dessa forma, os recursos do sincretismo e da mestiçagem asseguram a sobrevivência de valores e manifestações originárias, através da mistura e da transfiguração dos elementos essencialmente autóctones: num primeiro momento, em direção a outros aspectos oriundos do colonizador europeu; mais recentemente, em direção dos elementos estrangeiros que também invadem os países andinos no processo de “globalização”. Utilizar essa estratégia não foi difícil, uma vez que, em sua essência, a cultura e tradição andina apresentavam uma “abertura” às novidades, valores e elementos externos. Isso é facilmente comprovado em uma análise da civilização inca, que integrou inúmeros elementos, incluindo mitos, tecnologias e valores de vários outros povos que se incorporaram ao universo incaico.

A utilização de terraços de plantação nas encostas das montanhas, por exemplo, não foram invenções incas, apesar de terem garantido o sucesso agrícola e a prosperidade do império. Eram já utilizados por vários outros povos e nações da região, séculos antes da expansão incaica, o mesmo ocorrendo com divindades e princípios da cultura inca que foram herdados de culturas mais antigas. Com a invasão espanhola, a resistência militar inca persistiu após 1532, por mais algumas décadas, fazendo uso de uma disciplinada cavalaria, composta por índios armados com armaduras e espadas de aço capturadas dos inimigos. Nas cidades incas rebeldes desse período, a arquitetura apresentava uma inovação nos telhados das casas, de modo que, ao invés de tetos de palha, ostentavam telhas de cerâmica copiadas dos europeus.

Depois de consumada a conquista, a essência dos cultos e rituais indígenas foi mantida debaixo do verniz católico, onde divindades incaicas e pré-incas se “converteram” em santos da igreja. Um curioso exemplo é a figura de *Santiago Matamouros*, ícone da *Guerra de Reconquista* que culminou na criação do Estado Nacional Espanhol e que originou o brado de guerra dos soldados espanhóis:

“*Santiago*”! Quando escutaram esse grito, junto aos disparos de arcabuzes e canhões, os índios não tardaram em associar o marcial santo católico à divindade incaica *Illapa*, senhor dos raios e trovões.

Nos dias de hoje, em plena era de comunicações instantâneas e espaços virtuais, o mundo tradicional andino mantém seu vigor e faz uso de recursos tecnológicos e de certas “modernidades” para dar prosseguimento à sua milenar história. Atualmente existem inúmeros endereços eletrônicos na internet voltados para a difusão dos valores da cultura ancestral. Também é possível encontrar vários grupos musicais que fundem o rock-and-roll e a música eletrônica à tradicional música andina, muitas vezes com temas que aludem e exaltam elementos muito antigos e históricos, desde os povos pré-incas e imperadores incas, à sagrada folha de coca e aos espíritos das montanhas, chamados de *Apus*, ou à Mãe-Terra, *Pachamama*.

Paradoxalmente, outro recurso de sobrevivência da milenar cultura andina foi o hermetismo, que ao invés de buscar a interação com o elemento externo, tornou-se velado e inacessível, podendo revelar-se apenas a uns poucos iniciados e assumindo uma áurea mística e religiosa. Com esse recurso, segredos e tradições foram zelosamente guardados e, não raras vezes, sepultados junto com seus guardiões, que desafiavam poderosas instituições como o Tribunal da Inquisição Católica. Com a utilização dessa estratégia desapareceram certos avanços tecnológicos, enquanto permaneceram intocados alguns dos inusitados conhecimentos sobre a espiritualidade e metafísica indígena. Curiosamente, conforme prediziam antigas profecias, a revelação e a divulgação de muitos segredos deram-se a partir do final do século XX e início do presente século, sendo, muitas vezes, motivadas pelos não-índios em busca dos conhecimentos secretos dos antigos. Essa insólita situação despertou o interesse de jovens de origem indígena (que até então só tinham os olhos voltados para as sedutoras e cômodas “modernidades” do mundo “globalizado”) para as tradições milenares de seus antepassados.

A própria permanência dessas profecias até a atualidade indica um elemento de resistência, ao mesmo tempo em que são fomentadoras de um processo de resgate, ressurgimento ou releitura do passado andino. Elas são perfeitamente coerentes com a concepção indígena do “tempo” que, diferente do paradigma ocidental, o percebe como um fenômeno cíclico, que pode ser representado como uma espiral (divergindo da comum representação em forma de linha). No modelo ou paradigma indígena, a repetição, retorno ou alternância de situações é um fenômeno “natural”, assim como o

são todos os demais ciclos da natureza: o dia e a noite, as estações do ano solar, as fases da lua, períodos de seca e de chuvas, como também o ciclo menstrual da mulher.

Além de se encaixar no modelo cíclico de tempo, isso revela outra curiosa percepção temporal dos povos andinos, igualmente contrária à visão ocidental, pois a tradição andina “enxerga” o passado à frente e o futuro às suas costas. Para compreender esse extravagante paradigma (ao menos aos olhos ocidentais), devemos recorrer às principais línguas nativas andinas, o quetchua e o aymara, pois elas revelam a curiosa relação entre passado e futuro na perspectiva desses povos. Nessas línguas, os termos que se referem ao passado, *nayrapacha*, *ñawpa* e *ñawpaq*, encontram sua raiz etimológica nos vocábulos *nayra* e *ñawi* (aymara e quetchua respectivamente), que significa olhos. Portanto, o que se vê “adiante” é o passado.

Já o vocábulo *quepa/quipa* (aymara e quetchua), que significa “costas” é usado para descrever o futuro. O ensinamento de cunho poético disso decorrente é que enquanto não conhecemos o futuro (ele está às nossas costas), o passado dá a conhecer, pelo exemplo dos antepassados, o histórico de milênios de sábia adaptação do ser humano à realidade de uma natureza desafiadora, como é a paisagem andina. Assim, para essa tradição andina o futuro está “para trás” e o passado “adiante”.

É, portanto, no orgulhoso e nostálgico passado andino que muitas pessoas da região depositam suas expectativas e esperanças de tempos melhores, marcados pela valorização de sua cultura tradicional e originária. Nesse contexto, a concepção cíclica do tempo, com suas profecias de retorno a tempos gloriosos e a uma “nova era dourada”, possuem uma insuspeita força e vigor, além de grande apelo emocional.

Dentre as profecias destacam-se o mito do retorno de *Inkarri*, que seria uma espécie de messias andino, considerado como a reencarnação ou ressurreição do último monarca inca, ansiosamente aguardado por muitos, e os ciclos de alternância dos tempos de “luz” e “trevas”, como o dia e a noite, que são delimitados por um período de caos que precede à ordem, chamado *Pachakuti*, que significa revolução, mudança, transformação do tempo, do espaço e do mundo.

Segundo as antigas crenças indígenas, vivemos exatamente em um momento de *Pachakuti*, uma era em que o mundo passa por profundas transformações que se manifestam no caos do qual emergirá uma nova ordem. Também segundo essas crenças, após a longa “noite” de 500 anos, inaugurada com a chegada dos europeus ao continente, a nova era será marcada pelo alvorecer de um tempo benéfico e de glória para os povos andinos.

O forte apelo de um *Pachakuti* é claramente percebido, sendo inúmeras as referências possíveis de encontrar, por todos os recantos dos países andinos, a esse importante mito. Desde o clamor de sacerdotes quetchuas e aymaras em cerimônias levadas a cabo nos antigos centros cerimoniais pré-colombianos, até à propaganda eleitoral de alguns políticos, são notórias as alusões ao *Pachakuti*.

Na Bolívia, em especial, a massiva presença indígena na população e na cultura do país, aliados às dificuldades econômicas, fortalecem a expectativa e esperança de mudanças, acabando por contribuir efetivamente para que transformações concretas aconteçam no país. Nesse caso, o grande destaque é a recente eleição, inédita, de um presidente de origem indígena, colocando em xeque séculos de domínio de uma elite minoritária de descendência européia. Como se não bastasse o fator étnico, *Evo Morales* surgiu politicamente como liderança dos plantadores de coca, a sagrada planta andina. Aliás, a coca também deve ser incluída como tenaz exemplo de resistência cultural, pois, apesar de importante fonte de nutrientes e peça fundamental na medicina e nas práticas mágico-religiosas da região andina, ainda hoje sofre perseguição por sua associação com seu derivado, a cocaína.

Trata-se de um erro dizer que o presidente *Evo Morales* “criou” a mística de uma “nova era”, um *Pachakuti*, para legitimar e fortalecer seu governo que declara oficialmente estar realizando uma “Revolução Democrática e Cultural”. Ao invés de causa, o governo de *Evo* é uma consequência do momento pelo qual passa não somente a Bolívia, mas também os demais países andinos, e que é marcado pelo forte anseio por mudanças, por um *Pachakuti*!

Por outro lado, o governo de *Evo* vem utilizando, astuciosamente, esse elemento cultural, inclusive como estratégia de marketing político. Entretanto e, fugindo de possíveis análises críticas e julgamentos políticos sobre a condução do governo boliviano, é inegável o clima de otimismo e um “ar” de mudança que atravessa quase todo o país. Desse modo, independentemente dos contornos políticos e institucionais da Bolívia, a cultura tradicional, com todos seus valores, manifestações, cores, cheiros, gostos e sons, vive, sem sombra de dúvida, um ressurgimento. A cultura tradicional, de origem indígena, é valorizada em quase todo o território boliviano e goza até mesmo de apoio oficial.

Atualmente, as celebrações e cerimônias anuais dos solstícios e equinócios, com destaque para a festividade do *Willkakuti* ou “Retorno do Sol”, durante o solstício de inverno, além do forte apelo turístico, se converteram em legítimas manifestações da

identidade e cultura indígena, com o apoio e até mesmo participação oficial. Tendo sido por muito tempo proibido de se realizar, ou tendo que se esconder sob a celebração católica de São João (24 de junho), o *Willkakuti* hoje é festejado no complexo arqueológico de *Tiwanaco*, e os sacerdotes aymaras realizam suas cerimônias e oferendas ao Sol e à Mãe-Terra, prevendo por meio de suas folhas de coca o futuro do país e de seu governante. Foi inclusive em *Tiwanaco* que *Evo Morales* foi empossado em uma cerimônia ritual, por sacerdotes aymaras. Fato semelhante ocorreu ao ex-presidente peruano *Alejandro Toledo*, que assumiu oficialmente a presidência do país em Lima, e de forma também ritual na mundialmente famosa Machu Picchu.

De modo similar à Bolívia, o anúncio de um novo tempo soa vigorosamente nos demais países andinos, como o Peru e o Equador. O forte apelo de uma nova era também é explorado de diferentes formas nesses países, o que, algumas vezes, não passa de mera propaganda ou marketing político.

A despeito disso, o resgate e a valorização das tradições milenares indígenas nos Andes é um fato que muito interessa a toda a humanidade. Isso porque, a trajetória da cultura andina não se constituiu por meio de teorias ou abstrações filosóficas, mas se forjou, na vivência, na experimentação e na prática, em um longo e lento caminhar dos seus habitantes, em um movimento milenar e perene que sempre se moldou por valores essencialmente ecológicos.

Em sua tenaz luta pela sobrevivência e superação, em uma natureza imponente, generosa e hostil ao mesmo tempo, o ser humano andino nos legou importantes lições como sua ética ecológica; seus princípios de *relacionalidade* e *reciprocidade*, presentes na organização solidária do *ayllu*; sua reverência e respeito à natureza, sua consciência de uma ecologia integral e profunda. Esses exemplos da ancestral cultura andina nos possibilitam olhar para o passado e saber que ali se encontram novos e preciosos ensinamentos para o futuro de toda a espécie humana.

“Nós, os índios, em especial dos Andes e em geral da América, somos uma alternativa de vida por causa de nosso respeito ao equilíbrio dinâmico e frente ao eminente perigo que nos cerca, o perigo que a humanidade ainda não conheceu”.

(Manifesto do Movimento indígena Tupac Katari)

Abstract

After its conquests, the Andes traditional cultural essence has resisted through the centuries, by means of artifices and is, at the moment, in evidence. This process can be considered ambiguous and dialectic once it tries to consolidate the Amerindian's cultural identity and universal values it is also used as political marketing.

Key words: Andean-America; Cultural Resistance; Ancestral Indian Traditions.

Referências bibliográficas:

ANNUNZIATA, Máximo Grillo. *La ciencia y tecnología incaica*. Peru: Ediciones Inka Rojo, 1995.

BERASTAIN, Juan Palao. *La religión del Titikaka*. Revelaciones del Yatiri. Puno-Peru: Editorial Yatiri, 2001.

BUENFIL, Alberto Ruz. *Os guerreiros do arco-iris*. São Paulo: Editorial Galáctico, 1999.

ESTERMANN, Josef. *Filosofia andina*. Sabiduría indígena para un mundo mejor. La Paz: Instituto Superior Ecueménico Andino de Teología – ISEAT, 2006.

JECUPÉ, Kaka Werá. *A Terra dos mil povos*. História indígena do Brasil contada por um índio. Rio de Janeiro: Editora Fundação Petrópolis, 1998.

LUCIO, Óscar Colchado. *Hacia el Janaq Pacha*. Lima: Editorial San Marcos, 2005.

MANRIQUE ENRÍQUEZ, Fernando. “Pachasofía y runasofía andina”. En: *Dos siglos de ensayistas puneños*. Lima: CONCYTEC, 1987.

MCKENNA, Terence. *O retorno à cultura arcaica*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1991.

MURIEL, Carlos Candia. *Cuadernos Andinos*. (Centro de Estudios Andinos – AYNI), Cusco, n.º 1-18, 1993-1997.

ODE, Walid Barham. *Apu Pituisiray*. Realismo mítico. Una experiência imediata. Calca-Cusco: Asociacion Cultural Pumaruna, 2005.

QUISPE, Manuel Alvarado; TITO, Mari Mamani. Chakan. Gênese de la vida. Quinto elemento. El Alto, *La Prensa*, (Centro de Integración e Investigación Oral en Historia Andina Paka-Illa), mai. 2006.

RIBAS, Ka W. *A ciência sagrada dos Incas*. São Paulo: Editora Madras, 2008.

SCORZA, Manuel. *Garabombo, o invisível*. São Paulo: Círculo do Livro S.A, s/d.

SCORZA, Manuel. *Redoble por rancas*. Lima: Edición, 2003.

SCORZA, Manuel. *Diccionario quéchua*. Lima: Editorial Toribio Anyarin Injante, s/d.

SCORZA, Manuel. *Opción ecológica*. La hoja de coca, alimento y medicina para la humanidad. Lima: Editores Impresores, 2005.